

"CHANCE PARA UMA ESQUIZOFRÊNICA": PRIMEIROS FUNDAMENTOS DA TERAPIA OCUPACIONAL DO PROF. RUI CHAMONE JORGE

"Chance for a schizophrenic": first foundations of Occupational Therapy by Prof. Rui Chamone Jorge

"Posibilidad de una esquizofrénica": primeros fundamentos de la Terapia Ocupacional del prof. Rui Chamone Jorge

Resumo

A imagem da capa é um autorretrato de MS (36 anos), que se tornou capa do livro 'Chance para uma Esquizofrênica', publicado em 1981 pelo terapeuta ocupacional mineiro Prof. Rui Chamone Jorge. Pintada em 20/01/1978, usando guache e cartolina branca (30x30cm), foi feita nove meses depois do início dos atendimentos de MS com o Prof. Chamone no SER.TO - Serviço de Terapia Ocupacional (MG). 'Chance para uma Esquizofrênica' foi o livro que inaugurou a série de publicações sobre o trabalho de fundamentação da Terapia Ocupacional desenvolvida pelo professor, ao longo de sua vida. Esse quadro e mais onze obras de MS compõem uma das coleções que são parte do acervo do Museu Didático de Imagens Livres, um museu itinerante criado em 11 de setembro de 1992 pelo professor, e podem ser encontradas no site do GES.TO - Grupo de Estudo Profundos de Terapia Ocupacional.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional, Terapia Ocupacional/História, Saúde Mental.

Abstract

The cover image is a self-portrait of a patient of 36 year old. It became part of the book 'Chance for a Schizophrenic', published in 1981 by Professor Rui Chamone Jorge, one of the first occupational therapists in Brazil. It was painted in January 20th, 1977, using gouache and white cardboard (30x30cm), nine months after the beginning of her sessions with Prof. Chamone, in a clinic called SER.TO - Occupational Therapy Service, in Minas Gerais. This is the first book of a series of publications on Prof Chamone OT theory, developed throughout his career. Along with other eleven objects, the collection is part of itinerary Didatic Museum of Free Images, created on September 11, 1992, by the professor, which can be found on GES.TO's - Group of Advanced Studies in Occupational Therapy - website.

Key words: Occupational Therapy, Occupational Therapy/History, Mental Health.

Resumen

La imagen de la portada es un autorretrato de la EM (36), quien se convirtió en la portada del libro "Chance for a Schizophrenic", publicado en 1981 por el terapeuta ocupacional de Minas Gerais, Brasil. Rui Chamone Jorge. Pintado el 20 de enero de 1978, usando gouache y cartulina blanca (30x30cm), se realizó nueve meses después del comienzo de las consultas de MS con el Prof. Chamone en SER.TO - Servicio de Terapia Ocupacional (MG). 'Chance for a Schizophrenic' fue el libro que abrió la serie de publicaciones sobre el trabajo fundamental de la Terapia Ocupacional desarrollada por el maestro, a lo largo de su vida. Esta pintura y once de las obras de MS conforman una de las colecciones que forman parte de la colección del Free Images Teaching Museum, un museo itinerante creado el 11 de septiembre de 1992 por el profesor, y se puede encontrar en el sitio web GES.TO - Grupo. Estudios de terapia ocupacional.

Palabras clave: Terapia ocupacional; Terapia ocupacional / historia; Salud mental.

Carolina Couto da Mata
Docente do Departamento de
Terapia Ocupacional da Universi-
dade Federal da Paraíba, UFPB,
João Pessoa, PB-Brasil.
carolcoutomata@gmail.com



CONSTRUINDO OUTRA HISTÓRIA: CHANCES DE VIDA PARA UMA ESQUIZOFRÊNICA

MS cursava a universidade, em 1960, quando aos 19 anos teve sua primeira crise, seguida por 13 internações em hospitais psiquiátricos, desenvolvendo um quadro grave de esquizofrenia. Foi encaminhada ao SER.TO – Serviço de Terapia Ocupacional - em sua pior fase, como mais uma tentativa de tratamento. Segundo a avaliação médica, apresentava-se agressiva e em agitação constante. Seu prognóstico era considerado desfavorável pelo psiquiatra, dada a longa evolução e a cronificação do sofrimento de MS. O processo de tratamento de MS no SER.TO foi publicado em 1981 pelo Prof. Rui Chamone Jorge, no livro 'Chance para um Esquizofrênica'.

O SER.TO, fundado em 1974 pelo Prof. Chamone, oferecia cuidados em saúde mental para pessoas que apresentavam manifestações agudas e crônicas de transtornos psiquiátricos. Em tempos em que o tratamento era oferecido nos hospitais, 16 anos antes dos primeiros serviços públicos que inauguraram as mudanças defendidas pela Reforma Psiquiátrica brasileira, o SER.TO foi proposto como um serviço ambulatorial, ou seja, não propunha as internações prolongadas de sua época. Apesar da atuação do professor no campo da saúde mental ter se dado inicialmente nos hospitais, sua insatisfação com o tipo de tratamento oferecido nesses locais, não condizentes com seu modo de atender, o impulsionaram na criação dessa outra modalidade de cuidado.

As atividades - modelagem, pintura, culinária, couro, musicoterapia, teatro - eram realizadas por quem procurava por tratamento no SER.TO, com o suporte de uma equipe multidisciplinar (psiquiatra, assistente social, estudante de medicina, terapeuta ocupacional), coordenada pelo Prof. Chamone. Eram realizadas, ainda, orientações às famílias, atendimento médico e outras atividades desenvolvidas no território¹.

MS esteve 14 anos internada em um hospital psiquiátrico, "numa longa e agressiva hospitalização (...) cronificadora" (p.38)¹. Iniciou os atendimentos de Terapia Ocupacional em março de 1977, apresentando-se em sofrimento agudo; sua higiene e cuidados pessoais eram precários e ela negava a sua necessidade de se tratar.

Durante os 14 meses que se tratou no SER.TO, MS realizou diferentes ocupações. A pintura e o desenho foram as atividades nas quais mais se envolveu. Inicialmente, os atendimentos eram individuais, de uma hora, três vezes por semana, quando trabalhava com atividades em couro e pintura livre. Após quatro meses, iniciou sua participação em um grupo terapêutico de canto coral e teatro semanal e seu espaço de relações foi sendo ampliado, à medida que ela solicitava mais contato com outros pacientes, até que os atendimentos individuais foram suspensos e MS passou a frequentar grupos de duas horas de duração, três vezes por semana.

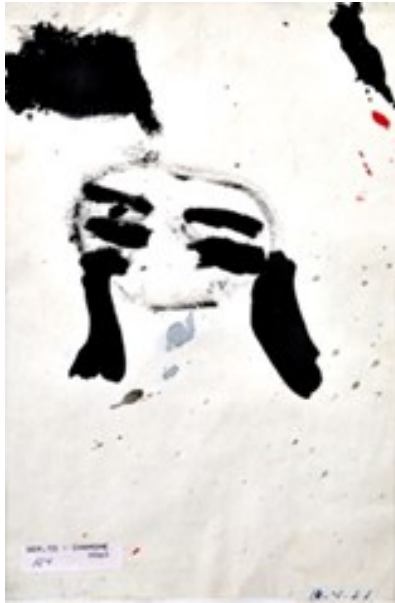


Figura 1 - "A moça mais bonita dessa cidade" foi o título dado por MS. Quadro monocromático, pintado na primeira sessão de terapia ocupacional, em 14/04/1977. A paciente chorava, queria ir embora e só permaneceu quando sua acompanhante ficou na sala de atendimento.

No livro, o professor apresenta dois conjuntos de desenhos e pinturas feito por MS. Um deles, que se refere à série de autorretratos de MS, reproduzimos a seguir (figuras de 1 a 3); os demais trabalhos publicados no livro - o homem em trabalho, a salvação, o futuro, a clínica e o amor, podem ser contempladas no site do GES.TO, no Museu Virtual, que apresenta essa e outras coleções já organizadas.

MS pintava e desenhava livremente, assim que via pedaços de cartolina sobre a mesa e utilizava o quanto de material estivesse disponível à sua frente. Ela era encorajada, assim, a se auto expressar, de modo a poder se compreender a partir do registro feito, criando uma "linguagem para se comunicar" (p.103)¹, fazer e criticar sua história.

Nas palavras finais do livro, o autor descreve que, com a chegada da mãe em fevereiro de 1978, MS retoma, aos poucos, seus comportamentos anteriores de isolamento, retraimento e dependência emocional, na terapia e em casa, pedindo para ir para casa da família no interior, onde seus pais residiam. Em julho daquele ano, falta aos atendimentos e no final daquele mês, o Prof. Chamone reencontra MS, acompanhada pela mãe, com uma postura, aparência e comportamentos muito similares aos que apresentava no primeiro dia de atendimento.

No livro, o autor afirma que apesar de ter reencontrado MS em um estado que sugeria uma regressão, sua melhora havia sido muito satisfatória ao longo do processo e que essa experiência poderia oferecer a ela condições para uma convivência satisfatória com sua família de origem. Ele conclui que o processo de tratamento de MS demonstrava que a Terapia Ocupacional poderia colaborar para que a hospitalização para algumas pessoas em sofrimento mental fosse até mesmo dispensada, "se o método for convenientemente indicado e aplicado" (p.109)¹.

Um ano depois, em julho de 1980, a família envia um relatório sobre as condições de saúde e de vida de MS, que seguia vivendo com seus pais no interior. Nas palavras da família, segundo o professor:

"(...) de um modo geral, considerando-se o fato de que ela há 20 anos permanecia sem condições de viver com a família (...), podemos afirmar que o seu caso representa um verdadeiro milagre no campo da psiquiatria atual. Pois até mesmo sua médica psiquiatra que a acompanhava há muitos anos, não acreditava que ela chegaria ao ponto que ela está" (p.111)¹.

MS, apesar das limitações mantidas, conseguiu se refazer e o Prof. Rui Chamone seguiu seu percurso na fundamentação da Terapia Ocupacional, inspirado pelos resultados alcançados em sua prática.

Construindo um saber-fazer profissional: primeiros escritos

A história do tratamento de MS é o enredo do livro 'Chance para uma Esquizofrênica'. Nele o autor apresenta um estudo cuidadoso sobre as atividades utilizadas na TO e os elementos nela envolvidos: as características culturais e antropológicas de cada atividade, os aspectos físicos, psicológicos e psicodinâmicos, em termos de habilidades exigidas, possibilidades de utilização e exploração do material e das ferramentas. O livro descreve, ainda, o modo como MS trabalhou com esses materiais ao longo do seu processo de tratamento.

Nesses primeiros escritos, o autor alertava quanto à importância do profissional conhecer previamente sua tecnologia de cuidado, ou seja, as características da atividade, dos materiais e das ferramentas, bem como compreender o significado para o paciente do objeto construído por ele, como resultado de sua ação sobre os materiais.

Nessa época, o professor propunha a indicação das atividades com base naquilo que avaliava como importante de ser vivenciado pelo paciente, considerando a história de vida deste. Advertia-nos, entretanto, para os prejuízos de uma indicação abusiva, que desconsiderasse a importância de um empenho mais constante do paciente no processo, de modo a favorecer um "ritmo transformador" (p.37)¹ e a identificação do paciente com os materiais. Numa publicação posterior², o Prof. Chamone coloca a indicação de atividades em segundo plano e desenvolve o conceito de "atividades livres e criativas"² como recurso técnico da Terapia Ocupacional.

Importante destacar que ao longo de suas seis publicações, o Prof. Chamone revisou e ampliou muitos dos conceitos que utilizava para explicar a Terapia Ocupacional que desenvolveu, embrionariamente apresentados em 'Chance para uma Esquizofrênica'. Seu compromisso em fundamentar filosófica, teórica e metodologicamente sua proposta foi resgatado no seu último livro 'Psicoterapia Ocupacional', publicado em 1995, quatorze anos após sua primeira publicação.

Por isso, consideramos que uma leitura apressada da obra chamoneana concluiria que o autor propõe que é função do terapeuta indicar atividades como se essas fossem medicação, já que ele afirmou em 'Chance para uma Esquizofrênica' que "as atividades na Terapia Ocupacional (...) são a medicação que o técnico usa" (p.37)³ e que "a ocupação, por si só é o elemento de cura" (p.37)³, conforme afirmaram Salles e Matsukura³, associando a proposta chamoneana aos argumentos apresentados por Nascimento⁴, no clássico



Figura 2 – Desenho feito 2 meses após o início dos atendimentos, em 22/06/1977, MS fez uma figura humana completa usando lápis grafite preto. Foi intitulada "Iracema".

texto "O mito da atividade terapêutica".

Ao longo de sua obra, Prof. Chamone demonstra de maneira empírica e fundamenta teoricamente que há condições clínicas e éticas a serem respeitadas para que a atividade possa alcançar efeitos terapêuticos. Nesse sentido, não basta que o terapeuta simplesmente proponha uma determinada atividade com o objetivo de remissão de um determinado sintoma ou de uma doença.

No artigo "o mito da atividade terapêutica", Nascimento⁴ afirma que a noção de atividade vinha sendo tratada na Terapia Ocupacional como um mito, como uma construção ideológica, ao se referir à crença de que qualquer atividade pode ser terapêutica se assim for utilizada pelo profissional, quando este soubesse explorar suas "propriedades intrínsecas (...) com determinados pacientes, em todos os lugares, sob quaisquer condições: no hospital psiquiátrico, na prisão, nos centros de reeducação, nos orfanatos" (p.17)⁴, ou, numa "nova versão do velho mito", quando, "através de sua realização, se estabelece entre o terapeuta, o paciente, o grupo e a atividade uma relação terapêutica" (p.20)⁴.

Ela denuncia os manicômios de sua época, que ofereciam condições precarizadas de trabalho para os profissionais e se utilizavam da atividade como uma técnica de dominação, muitas vezes "camuflando a violência" (p.19)⁴ das próprias instituições totais, para manter a sua ordem interior. Essa relação de controle da rotina hospitalar, que também era disciplinadora dos corpos e controladora do tempo, era vista como terapêutica desde o início do século. Todavia, não seria possível, segundo Nascimento⁴, separar o ato terapêutico em si da situação institucional do paciente.

Nesse sentido, os objetivos, ensinados na formação profissional e propostos nas práticas dos terapeutas ocupacionais que atuavam nos manicômios, não alteravam a vida concreta do homem – "a dimensão social objetiva"(p.18)⁴ dos assistidos, como nos ensina a autora -, nem alcançavam a ação prática do paciente dentro da instituição e, menos ainda, fora dela. Os objetivos da Terapia Ocupacional nas instituições seriam, assim, uma "idealização" (p.18)⁴, uma "verdade oficial" (p.18)⁴ não realizada. Uma relação autoritária sobre o paciente, através das ocupações e de outras práticas manicomialis, não poderia ser terapêutica, porque não respondia às necessidades da população atendida e sim atendiam ao sistema institucional e legitimavam a exclusão da loucura. Em consonância com o movimento social reformista de sua época, Nascimento⁴ convidava os profissionais a criticarem a função social dos manicômios, adotando uma posição não somente técnica, mas também política, como "agentes da transformação" (p.19)⁴, enfrentando as contradições dessa proposta de lidar com a loucura.

O Prof. Chamone, ao fundar o SER.TO no final da década de 80, já se mostrava insatisfeito com a falta de ressonância de sua proposta para a Terapia Ocupacional em seu meio profissional e criticava os efeitos deletérios da instituição total sobre os pacientes, conforme afirmou no trecho a seguir.

Com este pensamento e preocupado pela longa e agressiva hospitalização a que fora submetida a cliente; e por lembrarmos que, nessas condições, o paciente perde, logo de início, os direitos mais mezinhos, tais como ter dinheiro consigo, ter seus objetos de uso pessoal, seus documentos e, por isso mesmo, tem seu espaço pessoal muito diminuído, sua identidade e individualidade apagadas e, também por este motivo, tem seu ego muito fragmentado, pois sob as condições cronicadoras de toda hospitalização longa, qualquer pessoa acaba por ajustar-se para, de alguma forma, sobreviver, ainda que ela pague como preço a apatia, o desinteresse, a perda da capacidade de criar, planejar, executar (p.38)¹.

Ele criou um serviço ambulatorial - ou seja, fora dos muros dos hospitais - e publicou seu primeiro livro, demonstrando e fundamentando sua crença e seu trabalho de potencialização das chances de vida de uma mulher em sofrimento mental, em tempos de segregação e asilamento da loucura. Sua homenagem publicada no livro à coragem e à dedicação de Nise da Silveira, por revolucionar o tratamento em saúde mental de seu tempo no Brasil, reafirma sua posição política, já em 1981.

O professor fez mais do que problematizar o instituído como tratamento em sua época. Sua prática profissional e fundamentação teórica materializaram sua insatisfação e, ao mesmo tempo, evidenciaram sua proposta de cuidado. Nas palavras do autor:

(...) redigir e publicar esse livro, antes de mais nada, significa minha crença em que um ambiente de trabalho e carinho, aliado ao relacionamento com pessoas de boa vontade e treino adequado, podem salvar o outro da angústia e do desespero que o levam à loucura (p.18)¹.

O Prof. Chamone, assim, muito antes da Constituição de 1988, das políticas públicas do Sistema Único de Saúde e da Reforma Psiquiátrica, aponta a importância do vínculo, da escuta qualificada, do cuidado humanizado e evidencia o potencial das ocupações como recurso nesse processo.



Figura 03- Desenhado 4 meses após o início dos atendimentos de TO, em 22/08/1977. Foi desenhado com lápis grafite preto e colorido em partes de vermelho.

Sua proposta estava direcionada ao cuidado de aspectos subjetivos, como a autoimagem e a identidade, a autoestima, o reconhecimento pessoal, a autossuficiência e uma possível reversão das consequências em MS da hospitalização prolongada. O que se pretendia era que, com o tempo, a paciente melhorasse sua capacidade de crítica e a qualidade do seu pensamento, pelo avanço da criatividade e pela ampliação da sua capacidade imaginativa¹.

Mesmo sob a influência do modelo biomédico característico de sua formação inicial e ainda vigente em sua época - cuja problematização resultou em uma de suas publicações "O Ensino prático da Terapia Ocupacional: história e denúncia", em 1989 - o Prof. Chamone propôs as ocupações como uma possibilidade de produção de sentidos, "o paciente descobre o sentido da vida, ele fica imuni-

zado contra a apatia e o conformismo” (p.39)¹, rumo à ampliação do espaço pessoal, à inserção na família e à pertinência em outros grupos que respeitem a singularidade e a diversidade de modos de ser.

No SER.TO e em outros contextos da cidade, diferentemente das *verdades oficiais* da Terapia Ocupacional do manicômio denunciadas por Nascimento⁴, ao ocupar-se de si mesma, MS foi experimentando e produzindo, aos poucos, sua outra vida: individualmente, com outros pacientes, com sua família e amigos, ela desenhou, pintou, escreveu, leu, modelou, cozinhou, costurou, criou, pensou, errou e acertou, planejou e executou, falou, simbolizou, cantou, fez teatro, dançou, festejou, se relacionou, fez amizades, sujou e limpou, se divertiu, se cuidou, cuidou e foi cuidada, descansou, avaliou o presente e imaginou o futuro...

A relação do Prof. Chamone com as atividades é anterior à sua formação profissional. Ele sempre soube que não se separa aquilo que se faz daquilo que se vive. Sua família, de origem libanesa, tinha uma padaria, da qual todos participavam ativamente. Essa experiência pessoal influenciou sua trajetória como pesquisador e profissional⁵.

Ao publicar ‘Chance para uma Esquizofrênica’, o Prof. Rui Chamone inaugurou a construção do seu raciocínio profissional, num primeiro esforço de sistematização técnica e de apresentação didática de uma proposta teoricamente fundamentada para o uso de atividades como recurso. Ele explicitou como, em quais condições e porque o ‘fazer’ pode ser transformador do paciente e de sua postura diante de sua vida. Essa obra se tornou um clássico da Terapia Ocupacional genuinamente brasileira e foi lida por muitos profissionais e estudantes.

Além de fundar o SER.TO, o Prof. Chamone ministrou o CIESTO - Ciclo de Estudo Dinâmico de Terapia Ocupacional -, inicialmente para psiquiatras e outros profissionais da saúde, posteriormente para profissionais e estudantes de Terapia Ocupacional. No final da década de 70, foi Presidente Fundador da ATOMG - Associação de Terapeutas Ocupacionais de Minas Gerais; conselheiro do CREFITO-2 - Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional e participou da criação do curso de Terapia Ocupacional da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais.

Publicou, além desse primeiro estudo, mais 5 livros e 3 artigos no ‘Cadernos de Terapia Ocupacional’ do GES.TO - Grupo de Estudos Profundos de Terapia Ocupacional - fundado por ele em 1988, em Belo Horizonte, para estudar, pesquisar e divulgar a *Psicoterapia Ocupacional*, nome dado ao *Método crítico-laborativo das relações humanas*⁵ que ele desenvolveu ao longo de sua vida, na medida em que novas perspectivas e múltiplos saberes foram incorporados ao seu referencial prático-teórico inicial.

Uma leitura cuidadosa de suas obras nos permite alcançar o *movimento* da produção do seu conhecimento sobre a Terapia Ocupacional, como nos ensina Galheigo *et al*⁶, ao se referir aos *deslocamentos* dos referenciais da profissão, resultantes das problematizações das práticas e concepções vigentes em cada período histórico. Com o GES.TO, o Prof. Chamone deu início, já em 1988, a um grupo independente de produção do conhecimento, enquanto novos cursos de graduação estavam sendo implantados, consolidados e expandidos no Brasil, e as universidades assumiam a centralidade na produção de saberes e práticas da profissão, com o ingresso dos docentes em programas de pós-graduação⁶.

Em 2019, o GES.TO, em parceria com a UFPB - Universidade Federal da Paraíba, se tornou um dos grupos de estudo e pesquisa cadastrados no CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil, mantendo suas atividades em Belo Horizonte, desde 1988, e agora em João Pessoa, iniciadas em abril de 2018, ano em que o grupo original completou 30 anos de fundação.

Ainda em setembro de 1992, o Prof. Chamone criou um museu itinerante, que depois de seu falecimento, em 1993, recebeu o seu nome, composto por objetos construídos por pacientes e por alunos dos cursos por ele oferecidos: o Museu Didático de Imagens Livres Prof. Rui Chamone Jorge. No site do GES.TO (grupogesto.com.br), podemos encontrar a coleção 'Chance para uma Esquizofrênica', com mais onze obras de MS, além dessa imagem da capa.

Referências

1. Jorge RC. Chance para uma Esquizofrênica. Belo Horizonte: Imprensa Oficial; 1981.
2. Jorge RC. O objeto e a especificidade da Terapia Ocupacional. Belo Horizonte: GES.TO; 1990.
3. Salles MM; Matsukura TS. Conceitos de ocupação e atividade: os caminhos percorridos pela literatura nacional e de língua inglesa. In: Matsukura TS; Salles MM. Cotidiano, atividade humana e ocupação: perspectivas da Terapia Ocupacional no campo da saúde mental. São Carlos: EdUFSCar; 2016. p.13-35.
4. Nascimento B. O mito da atividade terapêutica. Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo. 1990; 1(1): 11-21.
5. Jorge RC. Psicoterapia Ocupacional. Belo Horizonte: GES.TO; 1995.
6. Galheigo SM; Braga CP; Arthur MA; Matsuo CM. Produção de conhecimento, perspectivas e referências teórico-práticas na terapia ocupacional brasileira: marcos e tendências em uma linha do tempo. Cad. Bras. Ter. Ocup., São Carlos. 2018; 26 (4):723-738; <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1773>

Agradecimentos: ao GES.TO, em especial ao Ronaldo Viana e a Priscila Lemos pelos comentários críticos sobre o texto.

Contribuição da autora: Carolina Couto foi responsável pela concepção, análise, redação e revisão do texto. As imagens fazem parte do Museu Didático de Imagens Livres Prof. Rui Chamone Jorge, disponíveis no site www.grupogesto.com.br.

Submetido em: 08/07/2019

Aprovado em: 16/07/2019

Publicado em: 31/07/2019